

FREDERICO (Fritz) FREUDENHEIM¹

(Berlim, Alemanha, 1926; S. Paulo, Brasil, 2008)



Frederico Freudenheim. S. Paulo, 1986.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

¹ Este texto tem como estrutura o livrinho de memórias escrito por Frederico Freudenheim por ocasião do *Bar Mitzvá* do seu neto Ilai, publicado em 27 de dezembro de 2007. Esta narrativa foi ampliada com informações registradas durante a entrevista concedida por Frederico Freudenheim a Maria Luiza Tucci Carneiro em sua residência no Brooklin, com a ajuda de Irene Freudenheim. S. Paulo, 17.9.1995. Frederico faleceu em 15 de março de 2008, em S. Paulo, deixando esposa (Irene Freudenheim) e duas filhas, Irith Gabriela e Andrea Michele. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Alemanha, minha terra natal

Meu nome é Frederico (Fritz) Freudenheim, nasci em Berlim, em 11 de julho de 1926, filho de Withold e de Hedwig Freudenheim. Meus avós maternos chamavam-se Rebekka Manasse, nascida Spiro, e Manheim (Machol) Manasse. Morávamos no segundo andar de uma casa na Levetzowstrasse, número 6. A casa ainda está lá, ao lado da sinagoga que foi parcialmente destruída na *Noite dos Cristais* (*Reichskristallnacht* ou simplesmente *Kristallnacht*) em 9-10 de novembro de 1938. Entre 1941 e 1945, essa mesma sinagoga foi usada pelos nazistas como um “centro logístico” para transportar mais de 30 mil judeus para os campos de concentração. Hoje, no local, foi construído um memorial: Levetzow Synagogue Memorial.



Berlim, terra natal de Frederico Freudenheim.

Google Maps.

Em 1927, quando eu tinha 1 ano de idade, mudamo-nos para Mühlhausen/Thüringen. Nossa casa ficava no limite da cidade. Tínhamos um belo jardim que incluía um galinheiro, caixa de areia, balanços, macieiras, pereiras, bem como alguns vegetais. Do gramado, avistava-se uma senhorial cadeira de balanço que eu, carinhosamente, chamava de *Wiegenente*, literalmente “pato de balanço”. Anos mais tarde, vim a descobrir que essa palavra não tinha nenhuma correlação com pato ou balanço, mas sim com a palavra *weekend*, que significa “fim de semana” em inglês.

Frederico (Fritz) Freudenheim



No passado: Manasse House (à direita), residência de Rebekka e Manheim Manasse, avós de Frederico (Fritz) Freudenheim em Margonin (Alemanha), 1915.

Álbum de fotografia. Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Os avós maternos de Frederico (Fritz) Freudenheim: Rebekka Manasse (à esquerda) e Manheim (Machol) Manasse, e Hedwig Manasse (depois Freudenheim) e seus irmãos. Berlim, 1916. Fotografia não identificada. Álbum de fotografias da família. Acervo: F. Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

Meus pais eram bastante religiosos, especialmente minha mãe, Hedwig. Em casa se comia *kosher**. Já na rua, meu pai e eu de vez em quando devorávamos uma salsicha proibida com muito prazer. Em Montevidéu, nas grandes festas (*Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*) íamos a pé até a sinagoga.



Hedwig Freudenheim, 1916.

Álbum de fotografias da família. Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Frederico (Fritz) Freudenheim



Os irmãos Frederico (10 anos) e Eva (6 anos), filhos de Withold e de Hedwig Freudenheim. Berlim, s. d. Acervo: Feudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Petrischule, escola onde estudou Frederico Freudenheim. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_iwUdl2429h8/TTgESM4JvJI/AAAAAAAAAD2E/mILAGjNBccg/s1600/1894-Petrischule-.jpg>. Acesso em: 31 ago. 2017

Na *Petrischule*, a escola que frequentava na época, eu era o único menino judeu e nenhum dos meus companheiros de classe falava comigo. Durante os recreios eu ficava sozinho e intimidado encostado contra uma parede, enquanto os outros se divertiam correndo de um lado ao outro, fazendo grande alarde no pátio do colégio. Mais tarde, minha mãe me contou que um dia eu havia voltado da escola com um

sorriso radiante e me perguntou o que havia passado. Respondi: “Um menino falou comigo hoje”.



**Religionsschule der jüdischen Gemeinde
Mühlhausen i. Thür.**

Dienstag 19. 35
Geburt

Zeugnis

für den Schüler Fritz Freudenheim

Befolgen: güt!
Aufmerksamkeit: güt!

Hebräisch

a) Lesen: güt!
b) Grammatik: _____
c) Übersetzen der Gebete: _____
d) Bibelübersetzen: _____

Biblische Geschichte: güt!
Jüdische Geschichte: _____
Schulbesuch: fasten Haus u. Synagoge
Bemerkungen: _____

Mühlhausen i. Th., den 14. 11. 19 35

Der Lehrer: Rosenberg
Unterschrift des Vaters: Freudenheim

Frederico Freudenheim (primeiro à direita) e seus colegas de classe, 1938. Acervo: Feudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Boletim de Frederico (Fritz) Freudenheim. Müchlhausen, 1935.

Tempos de mudanças

Em 1º de abril de 1933 deu-se início ao boicote contra todas as lojas pertencentes a judeus em Mühlhausen e por toda a Alemanha. “Não compre de judeus” eram os dizeres dos cartazes da época.^A Eu me lembro que minha mãe mudou o lado repartido de meu cabelo para não ficar do mesmo lado que o de Adolf Hitler. Certa vez, enquanto caminhávamos pelo centro da pequena cidade, avistamos vários homens uniformizados (provavelmente homens da SA). Devido à faixa preta que usavam ao redor da manga do uniforme castanho, perguntei em altos brados:

– São todos cegos?

Minha mãe me silenciou, de imediato.

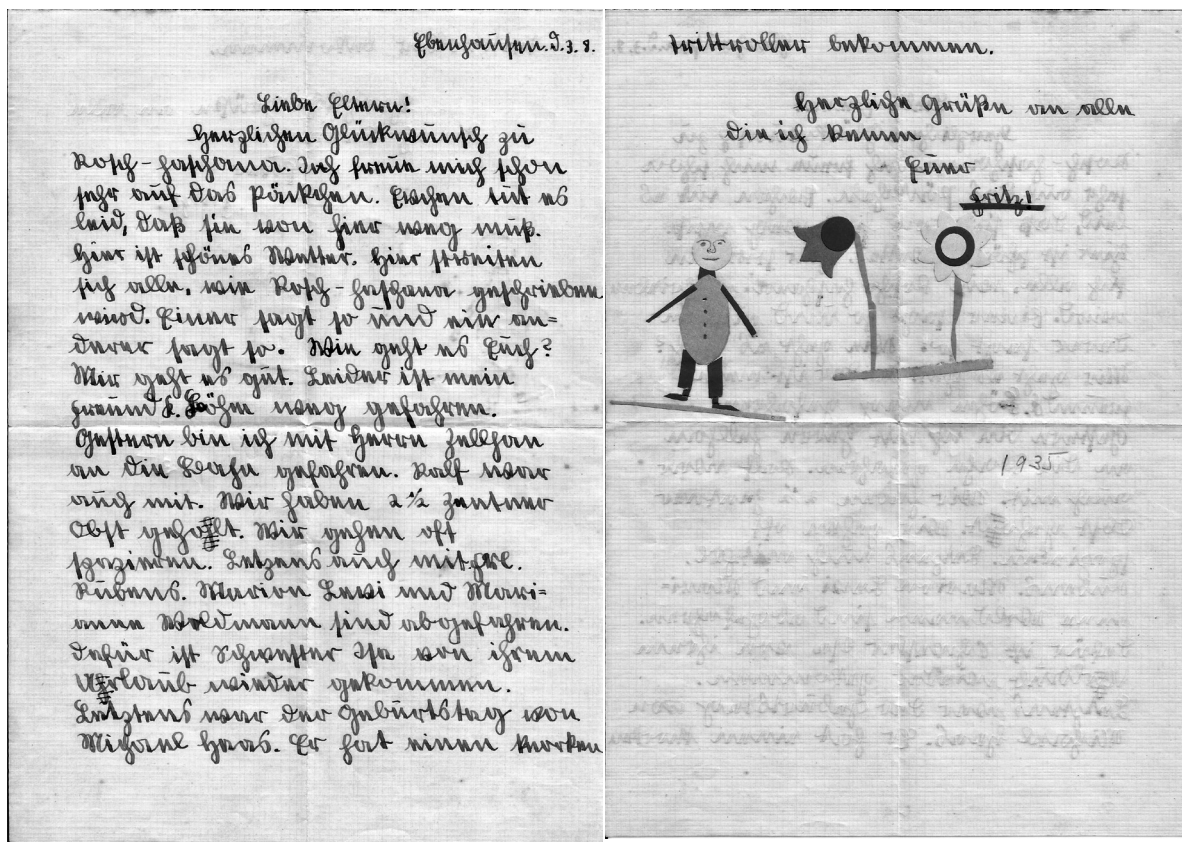


Dia do boicote aos estabelecimentos dos comerciantes judeus.

Berlim, 1º de abril de 1933. Fotografia não identificada.

Disponível em: <<http://i044.radikal.ru/1004/5f/67e16dbb3d60.jpg>>. Acesso em: 27 ago. 2017

A- O dia do boicote às lojas judaicas marcou o início de um amplo processo de repressão aos judeus que pressionou várias famílias a deixar a Alemanha e que culminou com o Holocausto. Assim, a partir do dia 1º de abril de 1933, a vida dos judeus mudou drasticamente com o boicote aos estabelecimentos de sua propriedade. O porta-voz do Partido Nazista alegou que o boicote era uma retaliação contra judeus alemães e estrangeiros, incluindo jornalistas americanos e ingleses, que criticavam o regime nazista. No dia do boicote, membros das tropas de choque se postaram agressivamente em frente às lojas e a outros estabelecimentos de propriedade de israelitas. A “Estrela de Davi”, de seis pontas, foi pintada de amarelo e preto nas portas e janelas daqueles estabelecimentos. Cartazes foram colados com os dizeres “Não comprem de judeus” e “Os judeus são a nossa ruína”. O boicote nacional durou apenas um dia, mas marcou o início de uma campanha nacional do Partido Nazista contra toda a população de judeus alemães. Uma semana depois, o governo decretou uma lei restringindo o emprego no serviço público a “arianos”. Funcionários judeus do governo, incluindo professores de escolas públicas e universidades, foram demitidos. *Enciclopédia do Holocausto*, United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007693>>. Acesso em: 27 jul. 2017.



Carta escrita por Frederico (Fritz) aos pais durante o período em que esteve no Lar das Crianças, um sanatório no sul da Alemanha, 1935, manuscrita (frente e verso). Livro de memórias. Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Durante parte da minha infância sofri de sérias e diversas formas de alergia. Entre 1936 e 1937, passei dois anos num sanatório infantil no sul da Alemanha, por problemas de saúde. Certamente, foram os anos mais felizes da minha infância. O diretor desse Lar das Crianças era o Dr. Erich Benjamin, um grande educador e cientista. O sanatório foi fechado em 1937 por ordem dos nazistas. Meus pais e minha irmã Eva continuaram morando em Mühlhausen. O eczema, que cobria as minhas pernas, me forçou a usar meia-calça para escondê-lo, pois chamava muita atenção. Isto também contribuiu para que eu me tornasse um menino muito tímido, solitário e com poucos amigos. Nossa casa era distante das residências das outras crianças judias, e, a partir de 1933, as poucas crianças com as quais eu tinha algum contato no bairro foram proibidas de brincar comigo e com minha irmã Eva, então com 4 anos.

Lembro-me da *Gestapo*^A revistando nossa casa, arquivos e dos livros sendo esmiuçados. Os vândalos da SA jogando pedras nas janelas de casa. O corredor ficou cheio de estilhaços de vidro e nós crianças fomos proibidas de usar essa passagem. Eva e eu ficamos muito sobressaltados e cheios de medo. Uma noite nossos pais receberam um telefonema avisando que a *Gestapo* iria prender meu pai. Imediatamente, no meio da noite, fomos até a estação tomar um trem para Dresden, onde moravam nossos avós maternos.

Entre março e outubro de 1938, já estávamos em Berlim. Recordo-me de que os tubos de pasta de dente eram recolhidos pelos nazistas para usá-los com matéria-prima. Às quartas-feiras todos tinham que comer *Eintopf* (prato único) para economizar alimentos. Recebemos a proteção de uma bondosa e gorda dona de uma leiteria que nos vendia frequentemente aquela boa manteiga dinamarquesa (estritamente proibida para os judeus). Meu pai, por sua vez, precisava apresentar-se diariamente na Polícia e sempre temíamos que não voltasse. No início de outubro, pouco antes da nossa partida, a letra “J” foi inserida nos nossos passaportes.^B



A- O termo *Gestapo* vem da abreviação de *Geheime Staatspolizei* que significa “Polícia Secreta do Estado”, sendo administrada pela SS (*Schutzstaffel*) – Tropa de Proteção que, por sua vez, era supervisionada pela RSHA (*Reichssicherheitshauptamt*) – Escritório Central de Segurança do *Reich*. Foi criada na Prússia, em 26 de abril de 1933, e funcionou até 1945, estendendo-se para toda a Alemanha. Seu primeiro comandante foi Rudolf Diels que lhe atribuiu o papel de Polícia Federal, semelhante ao FBI dos Estados Unidos. Reinhard Heydrich foi o principal chefe de operações, sendo substituído por Heinrich Müller após o atentado contra a vida de Heydrich. A *Gestapo* transformou-se na Polícia Política da Alemanha nazista, funcionando sem tribunal e aplicando sanções que espalhavam o terror por todo o país e também pelos territórios ocupados. Sua sede ficava na Prinz-Albrechtstrasse, em Berlim, onde hoje funciona um museu sobre a sua história. Uma caveira em forma de crânio (*otenkopf*) é o símbolo da SS, inspirada no emblema de guardas prussianos do século XVIII.

B- Exemplo de passaporte com o “J” carimbado na capa. A partir de 1938, as leis alemãs exigiam que as mulheres judias utilizassem o nome “Sara” em todos os documentos oficiais, e os homens judeus tinham de adicionar o nome “Israel”. A letra “J” (de *Jude*, que significa “judeu” em alemão) era estampada em vermelho nos passaportes dos judeus de nacionalidade alemã como mais uma forma de controle da população judaica que, dessa forma, ficava estigmatizada por sua “raça” e, nem sempre, por suas convicções religiosas.

Vozes do Holocausto

No sábado, dia 23 de outubro de 1938, bem cedo, fomos de táxi até a casa da minha avó. Meu pai subiu sozinho para despedir-se de sua mãe, então com 80 anos, e suas irmãs. Presentíamos que não nos veríamos nunca mais. Anos depois, soubemos que elas morreram em um campo de concentração. Assim fomos com o coração pesado até Hamburgo de trem, de onde embarcaríamos poucos dias mais tarde. Foi bem difícil achar um lugar para comer, pois a maioria dos restaurantes exibia cartazes dizendo: *Juden unerwünscht* (judeus indesejados).

Em 1937-1938 voltei novamente a Berlim, desta vez sozinho, para a casa de minha avó e tia. Lá frequentei a *Holdheimschule* que pertencia à Congregação Judaica Reformista. Nesta escola eu fui feliz e fiz várias amizades. Meu melhor amigo se chamava Kurt Hamburger,



Placas com dizeres antissemitas foram espalhadas por toda a Alemanha anunciando que os judeus eram indesejados. Disponível em: <<https://i.ytimg.com/vi/1qIq2oN0j70/hqdefault.jpg>; http://schlamassel.blogspot.de/images/nicht_bedient.JPG>.

Acesso em: 27 jul. 2017

apelidado de “Hambi”. Nós morávamos próximos um ao outro e voltávamos sempre juntos da escola. Uma vez decidimos colocar algumas moedas dentro de uma caixa de fósforos e a enterramos no nosso esconderijo perto do Bahnhof Zoo (estação de trem em Berlim). Achávamos que estas economias haveriam de ser, algum dia, de alguma serventia. Enquanto um cavava, o outro guardava o sentinela.

Finalmente, em março de 1938, meus pais decidiram deixar a Alemanha. Venderam todos os seus pertences (obviamente, por um preço muito baixo) e alugaram um pequeno apartamento em Berlim para o qual nos mudamos localizado na Solingerstrasse 1, Berlim, NW87. Todos os dias meu pai tinha que se apresentar na Delegacia de Polícia, causando-nos imensa ansiedade, pois nunca sabíamos ao certo se ele voltaria são e salvo.

Naquele último dia de aula, meu amigo Hambi e eu nos despedimos em frente da estação de trem Zoo, com um “até logo”. Ambos sentimos tristeza pela premonição de que seria a última vez que nos veríamos. Como prova da nossa amizade, trocamos chicletes e partimos em direções opostas. Após o término do ano escolar, as semanas foram utilizadas para o empacotamento e a preparação da nossa grande “jornada”. Bem pouco levamos conosco. Não foi fácil para nós, crianças, nos separarmos dos brinquedos, jogos e bonecos. Estávamos todos extremamente nervosos e ansiosos temendo que algo ainda pudesse impedir nossa partida. Além deste temor, pairava no ar a incerteza quanto ao futuro que nos aguardaria no estrangeiro, bem como a dificuldade da separação de nossos parentes queridos (minha avó Jetka, tias e tios). Frente ao nosso edifício havia um contentor de madeira na calçada que se enchia pouco a pouco com a parte dos pertences da nossa casa que seriam transportados.

Quando olhamos para trás o apartamento estava vazio. Embarcamos no trem para Hamburgo, a principal cidade portuária da Alemanha, naquele momento o ponto de saída para muitos imigrantes judeus. Chegamos em 23 de outubro de 1938, mas tivemos que aguardar alguns dias até a nossa partida para o Uruguai.

[...] na fuga da Alemanha nazistas as famílias judias foram espalhadas pelo mundo afora. Os irmãos de minha mãe fugiram para Suécia, Egito (de lá o tio Albert fugiu mais uma vez para Xangai) e Palestina. Da família do meu pai, a mãe dele (minha avó Jetka) e duas irmãs, Else e Paula, foram assassinadas. Os demais conseguiram fugir para o Uruguai e Palestina (Ruth e Ursel) – Fragmento extraído do livro de memórias de Frederico Freudenheim [manuscrito]



Ursel, que atuou no Mossad, e Ruth, ambos refugiados na Palestina.
Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Nossa rota de fuga

Finalmente chegou o dia da nossa viagem. Embarcamos no *Jamaique*, um velho navio de passageiros e carga, em direção à América do Sul: 28 de outubro de 1938. Lembro-me de ter atravessado uma longa passarela até o cais onde nos encontramos com o restante dos passageiros do navio. Havia uma certa tensão no ar. Eu estava tão nervoso que deixei cair por diversas vezes um pequeno pacote que segurava nas mãos. Alguns passageiros acharam graça de meu nervosismo e relaxamos um pouco. Quando o navio enfim levantou âncora, respiramos aliviados.

Em 31 de outubro, o *Jamaique* atracou em Antuérpia, na Bélgica. Era o aniversário de 50 anos da minha mãe, um grande evento! Meu tio, Georg Manasse, voou especialmente de Estocolmo para Antuérpia para a ocasião. Fomos todos de trem para Bruxelas e comemoramos o aniversário em um restaurante muito fino. Cumprimentamos o meu tio e, logo a seguir,

tivemos que nos despedir. Recordo até hoje a melodia tocada pela pequena orquestra naquele dia especial.

A travessia do Canal da Mancha entre Inglaterra e França foi muito agitada, o que fez que alguns passageiros ficassem bem indispostos. A embarcação balançou tremendamente de um lado ao outro, e pilhas inteiras de pratos se esfaquearam pelo chão do restaurante do navio. Durante a viagem, fui desenhando uma espécie de “diário de bordo”, inspirado por um enorme mapa que havia sido fixado para os passageiros do Jmaique observarem a rota da viagem. A cada parada, era colocada uma minúscula bandeira indicando o local onde nos encontrávamos. No dia 5 de novembro de 1938, chegamos a Le Havre , na França; e no dia 8, a Lisboa, em Portugal.

Em 11 de novembro de 1938, rumo ao Marrocos, soubemos da *Noite de Cristal*, quando os nazistas queimaram sinagogas, destruíram casas e aprisionaram milhares de judeus alemães pelo país inteiro. Chegando a Casablanca, fizemos uma excursão e descobrimos um outro mundo. Homens vestidos de maneira diferente, camelos e o deserto. Até os cheiros nos eram completamente estranhos e nada nos parecia familiar. Ao deixarmos o Marrocos, o imenso Oceano Atlântico abriu-se diante dos nossos olhos. Todos os passageiros do navio, inclusive meus pais, utilizaram seu tempo para aprender espanhol. Com livros pesados e rostos enrugados, eles faziam perguntas e respondiam a elas como jovens estudantes. Houve uma grande festa a bordo quando atravessamos a linha do Equador. De repente, sem aviso prévio, fui jogado na piscina do navio. Este foi o meu batizado do Equador. Engoli muita água e corri completamente encharcado em direção a minha cabina.

Entre 26 e 27 de novembro de 1938, passamos pelos portos brasileiros do Rio de Janeiro e de Santos, e, finalmente, em 30 de novembro de 1938, desembarcamos em Montevideú, no Uruguai.

Montevideú, minha nova terra

Após 33 dias em alto-mar, alcançamos o nosso objetivo: o porto de Montevideú, capital do Uruguai. Um conhecido do meu pai estava no porto à nossa espera. O Uruguai era um país pequeno e pacífico. Montevideú, uma cidade repleta de parques e bulevares. Muitos

Vozes do Holocausto

homens vestiam ternos brancos e chapéus de palha redondos. A vida era calma. Por vezes vi homens com pijamas passeando de manhã pelas ruas nas preguiçosas manhãs, fato que causava certa graça às crianças. Instalamo-nos em uma casa na Calle Sotelo 3918.

Em 1939 iniciei minha vida escolar no Uruguai. Pelo fato de não dominar o espanhol, fui colocado na primeira série primária. Senti-me extremamente infeliz, pois não entendia nenhuma palavra. Chorava desconsoladamente durante os recreios. Meus colegas tentaram me consolar e perguntaram repetidamente: “¿Porque llorás?”. Consequentemente, essas foram as primeiras palavras que aprendi em espanhol.

Passados alguns dias, fui transferido para uma classe superior e colocado ao lado de uma menina alemã. Logo meu espanhol melhorou e comecei a gostar da escola, pulei várias séries, sendo colocado com crianças de minha idade.



Frederico (Fritz), a irmã Eva e o pai Withold Freudenheim.
Fotógrafo não identificado. Montevideú, 1939.
Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Frederico (Fritz) Freudenheim

Sobre o meu *Bar Mitzvá**, assim escrevi em um livrinho dedicado ao meu neto Ilai:

Do meu *Bar Mitzvá** em Montevideu infelizmente não tenho quase lembranças e nenhuma fotografia. É que em 1939, no começo da imigração, a dura luta pela sobrevivência não permitiria gastar energia e dinheiro em qualquer celebração. Toda a geração dos meus pais [...] passou pela mesma situação. Apenas recentemente encontrei, numa viagem ao Uruguai, no arquivo do Congresso Israelita de lá, uma linha no jornalzinho da época, em alemão, dizendo: *Barmitwath: 20. Juli Fritz Freudenheim...*

Sei que não houve festa; somente uma cerimônia na Sinagoga, onde li um trecho da tora. Também lembro que usei minha *kipá* amarela, que meu tio Max Manasse me mandou de Israel (então Palestina) nos anos 30.

Entre 1941 e 1944, frequentei a Escola Industrial, formando-me técnico mecânico e desenhista técnico. Ao mesmo tempo os meus pais enfrentaram uma dura luta para alimentar a família. Já não eram jovens e não dominavam a língua. Abriam uma pequena quitanda, mas o trabalho era pesado demais para Withold, cujo coração já estava debilitado pelos difíceis



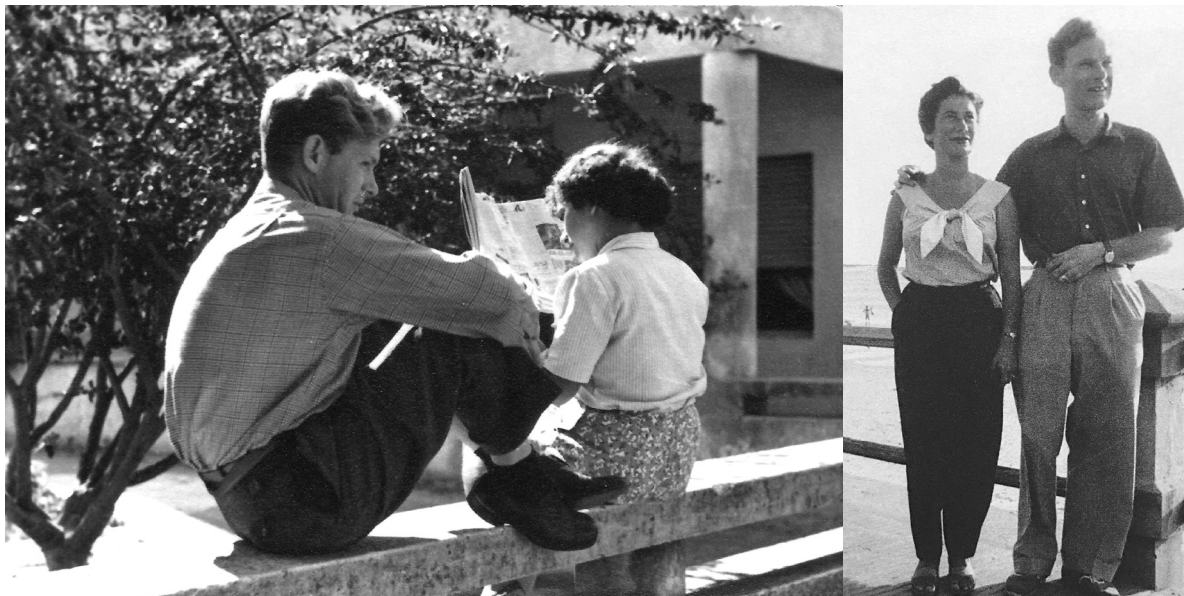
Withold Freudenheim, pai de Frederico.
Montevideu, 25 de janeiro de 1954.
Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

enfrentamentos com os nazistas. Então, meu pai entrou como sócio em uma pequena fábrica de pincéis, mas foi enganado e perdeu o pouco de dinheiro que tinha. Finalmente compraram uma pequena loja de roupas e armarinho, Casa EVA, pagando em incontáveis prestações. Conseguiram, daí para frente, voltar a ter uma vida digna.

Eu estudava à noite e trabalhava de dia. Na hora de almoço, sobrava um tempinho para ir à praia de moto, levando Irene, minha namoradinha, então com 17 anos. Havíamos nos conhecido em uma colônia de férias fundada por Annemarie Ruebens – uma pastora evangélica, alemã antinazista – no seu sítio no interior, em Colônia Valdense. Ali todo o mundo tinha que ajudar, lavar pratos, tomar conta dos mais pequenos

Vozes do Holocausto

que se divertiam dando volta nos dois burrinhos. Em troca, recebíamos a diária que era muito “camarada”, adequada para os minguados recursos dos imigrantes.



Frederico e Irene [Eloesser] Freudenheim, durante o noivado. Piriópolis, 1952.
Casal Irene e Frederico em viagem de lua de mel, 1955. Fotografia não identificado.
Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

FICHA DE TURISTA CIDADÃO DE PAÍS AMERICANO PARA UMA ESTADA DE TRINTA DIAS NO BRASIL
Tarjeta de turista ciudadano de país americano para una permanencia de treinta días en el Brasil

Desta ficha, expedida em duplicata, uma via será entregue ao passageiro, para uso da autoridade competente por ocasião do desembarque, e uma via será enviada pelo transportador à Repartição consular brasileira à qual couber o despacho do navio ou aeronave. De esta tarjeta, expedida en duplicado, una copia será entregada al pasajero, para uso de la autoridad competente al desembarcar, y la otra será enviada por el transportador a la Repartición consular brasileña aue efectúe el despacho del navio o aeronave.

Nome por extenso **WITHOLD FREUDENHEIM** PLUNA
Nombre completo

Admitida no Brasil en carácter de TURISTA nos términos da Lei no. 2526, de 5 de Julho de 1955
Admitido en el Brasil en carácter de Turista, de acuerdo con la Ley no. 2526, de 5 de Julio de 1955

Lugar y fecha de nacimiento **Berlin 26/10/1884**

Estado civil **Casado** Nacionalidade **ciudadano Urug.**
Nacionalidad

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Jedka e Luis**
Filiación (nombre del padre y de la madre) **Jedka e Luis**

Profissão **casado**
Profesión

Residência no país de origem **Montevideo, Santiago Anca 1456**
Residencia en el país de origen

Nome do pai **Jedka** Nome da mãe **Luis**
Nome **Withold** Sobrenome **Freudenheim** Idade - Edad **69** Sexo - Sexo **M**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS
HIJOS MENORES DE 18 AÑOS

Passaporte ou Carteira de identidade no **484815** expedid a **pelas autoridades de**
Pasaporte o Cédula de identidade no. **484815** expedid a **por las autoridades de**

Jefatura de Polícaí **Montevideo** em **25/1/1954**
Remetida ao Consulado Geral do Brasil em Montévideu em **16** de **Julio** de **1956**
Remitida al Consulado General del Brasil en Montevideo el **16** de **Julio** de **1956**

ASSINATURA DO PORTADOR - FIRMA DEL PORTADOR
Withold Freudenheim

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela companhia transportadora, sendo as duas vias em original.
NOTA - Esta tarjeta debe ser completada a máquina por la Compañía transportadora, siendo las dos copias en original.

Ficha de turista de Withold Freudenheim [pai de Frederico] nascido em Berlim, em 26 de outubro de 1884, filho de Jedka e Luiz Freudenheim, naturalizado cidadão uruguaio. Montevideu, 25 de janeiro de 1954. Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

Frederico (Fritz) Freudenheim

b

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 4214
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Fritz Freudenheim
Admitido em território nacional em caráter: Temporário Permanente


Nos termos do art. 9º do Dec. 7.967 de 1945
Lugar e data de nascimento Berlin, 11 / 7 / 1926
Nacionalidade Alema Estado civil Solteiro
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Witold Freudenheim e Hedwig Freudenheim Profissão Técnico Indústria
Residência no país de origem Estero Bellaco 2641-Mdeu.

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS			
MENORES DE 18 ANOS			

Carteira de Identidade n. 1985458 expedida em 14-2-1955
Passaporte n. 3865
pelo Consulado da Alemanha em Montevideu
visado sob n. 3865

Consulado Geral do Brasil em MONTEVIDEU, 29 de março 1955
Pelo Cônsul Geral
Pelo Cônsul Adjunto

ASSINATURA DO PORTADOR



Ficha consular de qualificação de Fritz Freudenheim, por ocasião de sua imigração para o Brasil. Montevideu, 29 de março de 1955. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

Nossa vida no Brasil

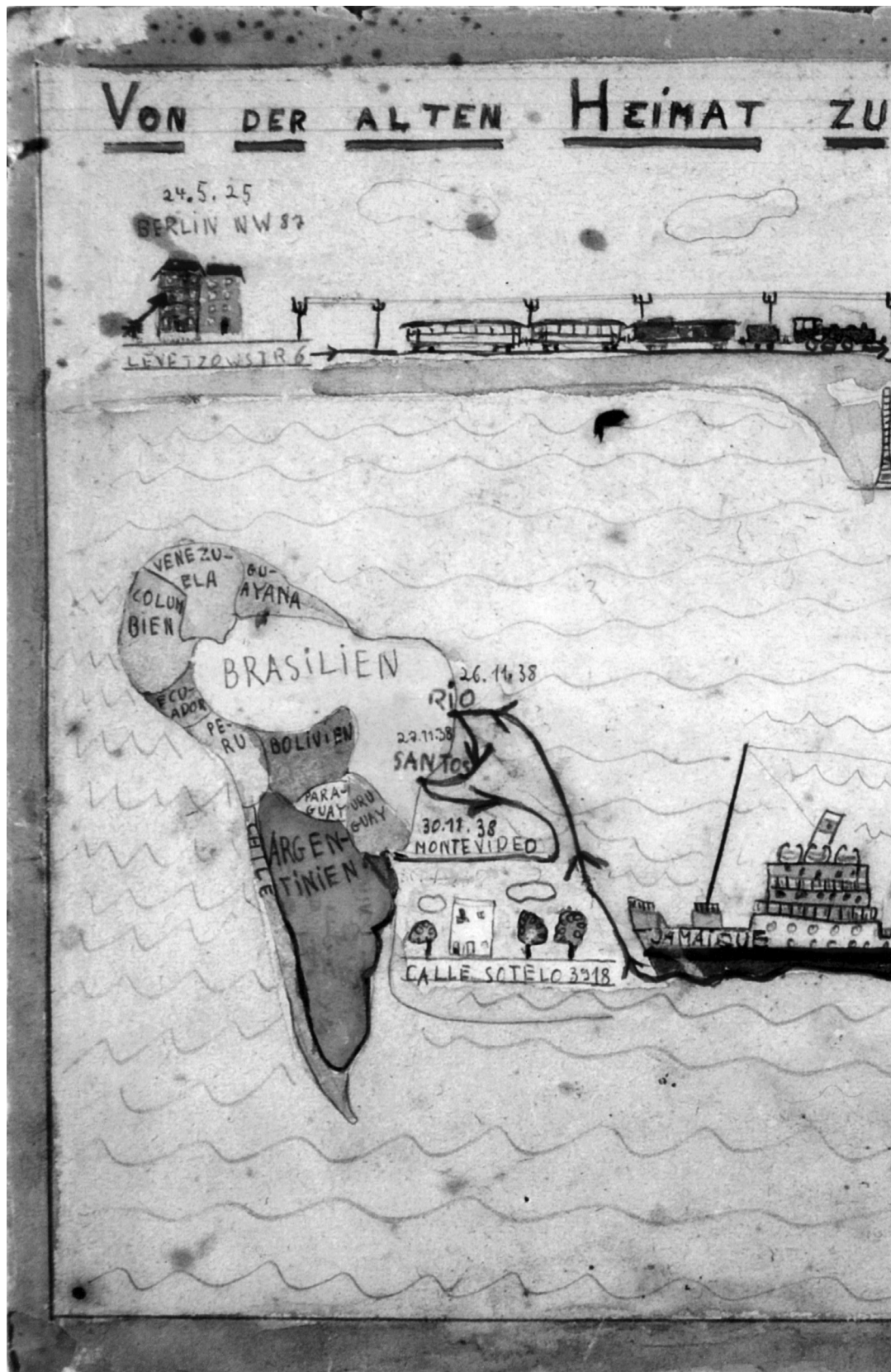
Em 1954 aceitei o convite de seu chefe uruguaio de ir com ele para S. Paulo, para instalar uma pequena fábrica de fechaduras. Na época, Irene estava viajando pela Europa e por Israel, orgulhosa de sua nova atividade de jornalista *freelancer* e, também, “dando um tempo” ao nosso relacionamento.

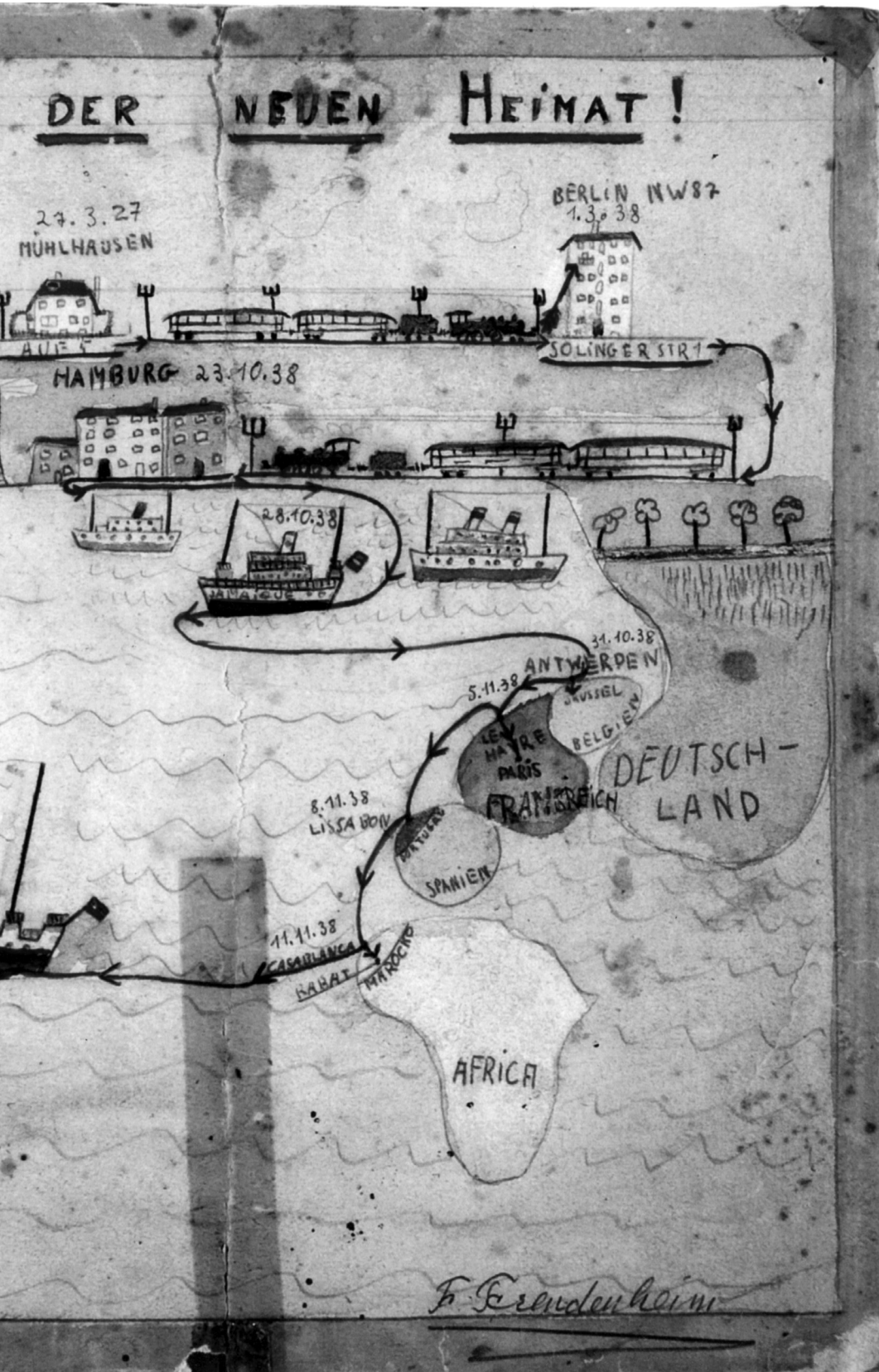
Em dezembro de 1955, resolvemos nos casar no Uruguai onde moravam os meus pais e minha irmã, e também porque ali havia divórcio. Em 22 de abril de 1955 voamos para S. Paulo com visto permanente emitido pelo Consulado Geral do Brasil em Montevideu.² Instalamo-nos inicialmente na Rua Libero Badaró, nº 152, no centro de S. Paulo e, de imediato, nos enamoramos da paisagem brasileira e da música de Dorival Caymmi, Inezita Barroso, Tom Jobim...! Trabalhei em várias fábricas e Irene em escritórios. Nas férias viajavamos com entusiasmo, assistíamos a concertos e caminhávamos bastante. Três anos depois nasceu a

² Sobre a vida de Frederico Freudenheim no Brasil, ver a história de vida de Irene Freudenheim, registrada em vídeo pelo jornalista Pablo Villarrubia e por Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, agosto de 2015. Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

Von der alten Heimat zu der neuen Heimat (Da minha velha terra para minha nova terra). Roteiro da viagem percorrida por Frederico Freudenheim registrado a bordo do navio Jamaïque, 1938. Acervo: I. Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer-USP.





Vozes do Holocausto

nossa primeira filha, Irith Gabriela. Já “grávidos” decidimos mudar do apartamentinho que ocupávamos no centro da cidade, na Rua Libero Badaró, nº 152, para uma casa com um grande quintal, alugada no bairro do Brooklin, onde vivemos até hoje. Ganhamos a nossa primeira cachorrinha “salsicha” que recebeu o nome de “Kiki” e que seria bem prolífera.

Em 1996, quando estava com 70 anos, foi organizada uma exposição em S. Paulo (para onde havíamos nos transferido desde 1955) sobre refugiados de fala alemã na América do Sul. Ao procurar material para a exposição [durante entrevista realizada por Maria Luiza Tucci Carneiro], deparei-me com um mapa que havia desenhado aos 12 anos a bordo do Jamaïque: *Von der alten Heimat zu der neuen Heimat* (Da minha velha terra para minha nova terra).



Frederico Fredenheim e o neto Ilai, 27.12.2007.
Acervo: I. Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A partir do momento em que encontrei esse meu mapa, as lembranças começaram a vir à minha cabeça. Durante uma viagem para a Europa, minha esposa Irene e eu contatamos dois colaboradores do Museu Judaico de Berlim, e hoje muitos visitantes podem ver uma versão ampliada do meu mapa nesse museu. Fomos informados que adolescentes demonstram um especial interesse e muita curiosidade pelo meu mapa e seu significado. Assim, deixo aqui a minha história, como a de muitos outros que foram forçados a fugir, e que será sempre lembrada...!

Frederico (Fritz) Freudenheim



Frederico e Irene e família durante festa comemorativa. S. Paulo, 2005.
Acervo: Freudenheim/SP; Arqshoah-Leer/USP.